

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.434

Sexta-feira, 27 de Julho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Os trabalhadores devem hoje comparecer na grande sessão de protesto que a U. S. O. promove contra as perseguições das autoridades.

Ao proletariado consciente! Aos homens de bem!

Quem pretende uma civilização mais bela, um mundo mais harmonioso vai para a cadeia. E os assambradores engordam!

Desejar a emancipação dos que trabalham é, para as autoridades, um crime. Negociar com o que o povo produz, exigir pelas casas rendas exageradas, impingir ao público géneros avariados é um bem.

Por isso o mercieiro, o senhorio, o industrial, enriquecem até rebentar; gosam e esbanjam! Enquanto os operários são perseguidos, como criminosos da pior espécie e metidos em prisões!

Esta inversão das coisas não pode continuar! A justiça está praticando verdadeiros crimes!

Contra esses crimes deve o proletariado protestar enérgicamente, comparecendo hoje na sede da U. S. O., pelas 17 horas, afim de assistir à grande sessão que este organismo promove pró-libertação das vítimas!

OS FASCISTAS

entreteem-se a escrever ofícios provocadores

Os deos Anjos, Arroios e Alto do Pina

POR ENQUANTO, RIDÍCULOS; AMANHÃ, TALVEZ, PERIGOSOS

Os fascistas, caros leitores, embora ridículos, embora desmiolados por vezes, não são uma ficção em Portugal. Existem e manifestam-se. E agora até já ameaçam.

Os fascistas não moram apenas ali no Loreto, por cima dum cinema onde se correm filas americanas, de grandes aventuras, moram alguns também espalhados pela cidade. Meia dúzia que sejam em cada bairro, isso basta para que lhe chamem pomposamente «A acção nacionalista da freguesia dos Anjos ou da Pena».

Existe um núcleo desses cavalheiros que se intitula Acção Nacionalista das freguesias dos Anjos, Arroios e Pena de França, cuja actividade revolucionária vem de começar por um ofício dirigido à Secção da Construção Civil do Alto do Pina:

16-7-1923. Il.º e Ex.º Sr. Presidente da Direcção da Federação da Construção Civil do Alto do Pina:

A acção Nacionalista das freguesias dos Anjos, Arroios e Pena de França, vem lançar o seu protesto contra a perseguição que esse organismo vem movendo, contra o nosso camarada Joaquim Contente, estando informado que elementos o tem procurado, certamente no intuito de qualquer agressão; não pretendemos, e repudiamos lutas entre os operários porque operários somos, mas como a nossa divisa é: um por todos, e todos por um, avisamos o camarada, que qualquer vilania contra ele, em igualdade de circunstâncias, nos pagaremos, tornando-o responsável por esse facto. E o que nos oferece dizer

saúde e venturas mil

A Acção Nacionalista

Os homensinhos da Acção Nacionalista principiam por ignorar que entre nós os presidentes caíram em desuso e que por tanto a pessoa a quem se dirigem no seu ofício não existe. Quanto ao ofício é uma fanfarrada que mete nódo.

Este Contente a quem os nacionalistas dos Anjos, Arroios e Pena se referem é um cavalheiro que vivendo entre eles persistia em frequentar a secção do Alto do Pina, do que resultou ser avisado por alguns camaradas daquela área de que a sua dupla atitude não era aceitável e, portanto, melhor seria abandonar de vez os sindicalistas.

Os deos viram nestas palavras (tal é o terror) uma ameaça ao sr. Contente e quiseram fulminá-lo com o ofício transcritos.

Como vêem os leitores, os fascistas, embora ridículos, como os deos Anjos, Arroios e Pena de França, existem. Existem e escrevem ofícios. Escrevem ofícios — por enquanto.

Notas e Comentários

A filha do general

A propósito do célebre infanticidio recebemos a seguinte e interessante carta:

«Sr. redactor:—Quasi toda a imprensa de Lisboa, sempre pronta a explorar as consequências da desgraça e miséria dos oprimidos, tem feito um estúpido infame à volta do «crime» da rua da Escola».

Um jornal da noite aventava atrevidamente algumas hipóteses tolas, ao mesmo tempo que numa sanha de bisbilhoticeiras reles cobria de adjectivos deprimentes a desgraçada agora a contar com a «justiça» de uma sociedade que sabe castigar, mas não sabe evitar, antes pelo contrário, provoca que tais casos se deem.

Destoando desse cômico de enojados arbitros, de conspícuos juizes que assim condenam sem encontrarem uma única atenuante para Maria Guerreiro, ocorre perguntar:

—Quem é a criminosa neste caso?

A mulher que é obrigada a fazer desaparecer o fruto do seu ventre, recusa de uma sociedade que a correria a pontapés se tivesse o «descaramento» de lhe apresentar um filho sem primeiro ter ido à igreja ou ao registro civil; ou a sociedade que admite tais preconceitos e que, contra a Natureza, mantém um regime odioso para a mulher, regulamentando-lhe o temperamento e atirando-a à margem logo que ela se deixe vencer pelos impulsos do corpo?

Maria Guerreiro, obrigada a esconder da sociedade os seus amores, sabendo que ela a condenaria inflexivelmente, que não lhe perdoaria tal «afronta» e que seria escurçada, talvez atirada para o leito onde tantos milhares de mulheres se encontram, só teve um

pensamento, o pensamento de salvação! E agora calculem os «juizes», os que a cobrem de insultos, o que se passaria na sua alma, o medo que a invadiu a ponto de fazer o que fez.

Não os clamores dos que acusam devem voltar-se para a sociedade que obriga a manter os preconceitos em que considera criminosos a procriação e o amor. Uma mulher que tem um filho, seja em que caso for, não deve ser olhada como uma delinquente. Milhares de «crimes» como este já se deram, milhares se darão ainda até o dia em que for banida dos costumes da sociedade a excomunhão da mulher que procria sem casar, Creia, etc., R. Dias.

Censura
Tanto fizeram os defensores da moral—daquele moral que engendra Maria Guerreiro—que conseguiram levar o ministro da instrução, que nos parece pessoa inteligente e de cérebro desempeado, a um acto que muito mal lhe fica: criou uma comissão de censura às obras dramáticas. Esta comissão ficará composta pelos srs. Henrique Lopes de Mendonça, Manuel de Sousa Pinto, Victoriano Braga e José Sarmento.

Decerto o bom-senso levará estes homens de letras a não aceitar tal odioso cargo.

Diremos o resto
José Raulho, socialista da Covilhã, a quem há um ano ouvimos dizer muito mal dos socialistas e que nos tecia, a nós, sindicalistas os mais rasgados elogios, deixou-se entrevistar pela *Epoca*. As suas palavras agora são dum verdadeiro conservador. Como continuará a dizer mal de nós—ele que e ratam nosso amigo—esperamos que ele diga tudo para depois dizermos o resto...

A BEIRA DO ABISMO

Guerra entre a França e a Inglaterra

O triunfo não caberá nem ao capitalismo britânico nem ao francês, mas sim ao proletariado organizado!

Ao que nos conduz a política louca do bloco nacional jesuíta

Enfim, as relações franco-britânicas chegaram quasi à rutura. Digo «enfim» porque este momento era de prever desde 1919-20, quando os políticos dos «clans» capitalistas que governam estes dois países começaram a viver em oposição. Então, assinalámos esta oposição, e em especial na revista *L'Avenir*, dirigida com talento pelo nosso amigo Severac.

Acreditámos então, que este momento viria mais cedo. E não o vemos chegar durante o discurso de 1921-22, nunca, entretanto pensamos que a «Entente» se manteria.

A lógica dos interesses e dos factos era suficientemente forte para que não tivéssemos dúvidas sobre a exactidão das nossas previsões.

Se tão tarde chegou este momento, deve-se isso aos factores individuais, isto é, aos indivíduos dirigentes da política nos dois países e nada aos próprios interesses dos «clans».

Lloyd George, Briand e Bonar Law, retardaram, com a sua maleabilidade ou com a sua honesta simplicidade, este momento fatal.

Poincaré, com a sua teimosia e tacañhez intelectual, precipitou este momento graças à convicção de Baldwin, de que cada hora que decorre é mais um passo no *gêchis* da Europa, que definitivamente está estabelecido.

A política britânica no Próximo Oriente foi também uma causa de atrazo. Mas agora que a Conferência de Lausane é um fracasso definitivo, pôsto que não declarado, o capitalismo britânico retoma a sua liberdade e torna-se imediatamente evidente por meio de artigos ameaçadores, por informações brutais e atenuadas que toda a imprensa britânica publica, inclusive os órgãos mais francófilos.

O capitalismo britânico

A luta entre o capitalismo britânico e o capitalismo francês, entre o capitalismo judeu-vezete e o capitalismo jesuíta, em vez de ser dissimulada como

o foi desde 1919 a 1922, transformou-se em luta aberta, francamente confessada. E' a luta pela hegemonia mundial. Se, nesta luta, a vitória devesse pertencer a qualquer dos capitalistas, todos os nossos votos seriam pela vitória do capitalismo britânico.

Esta vitória seria menos pesada para os vencidos—os proletários de todo o mundo—do que a vitória do capitalismo francês, jesuíta.

E' necessário que nos recordemos sempre que a Igreja Católica é a maior força de reacção social que existe sob o báculo do Papa Negro, o director da Companhia de Jesus.

O capitalismo britânico e o capitalismo americano, por serem comuns, os interesses de ambos na situação actual do mundo, são forçados a serem menos autocratas, menos onipotentes que o capitalismo jesuíta, porque nos países Anglo-Saxões, há uma classe operária numerosa, organizada e forte, porque tem uma tradição centenária de liberdade e de democracia, e porque a classe capitalista destes países tem a tradição dos compromissos.

Os dois contendores ficarão vencidos

O triunfo do capitalismo francês jesuíta, assim como o do capitalismo alemão, conduziria o mundo à escravidão do proletariado, à ruína da classe rural obrigada a vender o pouco de terra que possui, e por esta forma impeliendo, a transformar-se em salarizados dos grandes proprietários da terra.

E as circunstâncias parecem aliás indicar que nesta luta, os dois capitalistas ficariam vencidos e exangues. A vitória será do proletariado e do socialismo, a não ser que os seus «leaders» se mostrem tam pusilânimes, tam pouco inteligentes como os «leaders» socialistas de toda a Europa (com excepção da Rússia) durante os anos de 1914-1920.

Toda a imprensa britânica se mostra encolerizada. Toda, tanto a conserva-

dora como a liberal, advertem a França que a paciência britânica chegou ao fim, que é necessário uma resposta escrita às perguntas do sr. Baldwin, que qualquer evasiva é inútil, que é necessário dizer francamente quais os objectivos da política do Ruhr, que se torna urgente pôr termo a esta política ruinosa do devedor e dos credores.

A atitude belicosa da Inglaterra — O franco baixa

A imprensa inglesa desvenda publicamente o que se sussurrava aos ouvidos informados: A nota alemã de 7 de junho é o fruto da iniciativa de Lord Curzon. Publicamente esta imprensa ameaça o capitalismo francês de tratar directamente com a Alemanha e de arremessar o mundo inteiro contra a França isolada. Não são ameaças no ar. E para prova, anuncia que o Império Britânico e os Estados Unidos poderiam pedir à França o pagamento das suas dívidas. E para provar quanto esta ameaça é séria, o franco baixa dois pontos numa bolsa. No sábado 30 de junho, eram precisos 75,15 francos para comprar uma libra esterlina. Na segunda-feira 2 de julho, 77,10 francos. Quando lês este artigo, amigo leitor, talvez que a libra esterlina esteja já a 80 francos.

E' com efeito provável que as finanças britânica e americana venham a influir com todo o seu peso sobre os câmbios a fim de levarem a política francesa a emendar a mão.

A manifesta inferioridade da França

A vitória do capitalismo francês é impossível por ser este o mais fraco. Não se estende sobre todo o mundo, não possui o império dos mares, representa em bilhões de ouro um número muito menor.

Se a França é actualmente a mais forte potência militar, financeiramente é fraca. E' incapaz, materialmente de

fazer uma guerra, sem o apoio ou a neutralidade benévola da Inglaterra ou da América. No seu solo e no dos seus possíveis aliados europeus não existem os meios suficientes para sustentar uma guerra: armas, munições, alimentos, crédito e dinheiro. As suas finanças estão exaustas. Os seus orçamentos são deficitários e o montante dos déficits são disfarçados por processos de escrituração. Na aparência, a França, equilibra os seus déficits pelos pagamentos da Alemanha, improváveis ou antes, de que há a certeza de não serem pagos.

Para ocultar esta situação, o parlamento francês, guiado pelo bloco nacional jesuíta, decide não apresentar o orçamento em 1924 o que permite cavar mais o abismo, à custa do povo francês. Enfim a França deve à Gran-Bretanha e aos Estados Unidos uns sessenta bilhões de francos papel.

A manifesta superioridade da Inglaterra

A Gran-Bretanha tem uma moeda sólida. A libra esterlina representa uma moeda ouro, ao par. Não tem credores, nem tão pouco dívidas salvo para com a América com a qual entrou em negociações. Tem um orçamento que se saldou por valores reais. Tem a primeira frota marítima. Reina sobre os mares. Vai reinar nos ares, porque decidiu a criação dum frota aérea superior à da França e tem dinheiro para o conseguir.

A sua única fraqueza consiste em precisar de todo o mundo para alimentar os seus habitantes, o seu comércio e a sua indústria. Mas esta fraqueza desaparece logo que ela esteja de acordo com a América.

A derrota do capitalismo e da política jesuíta é certa. O Santo-Imperio germânico sob o báculo dos Wittelsbach estendendo-se da Alsácia à Hungria não verá a luz do dia. Os magníficos católicos da Polónia não conseguirão o senhorio das estradas que conduzem do Báltico ao Mar Negro, e tão

pouco os jesuitas franceses e das estradas do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico. E os capitalistas jesuitas franceses, estão tão certos da sua derrota que o *Temps* lança o grito de alarme. A vitória britânica é a mais pezáda hegemonia que poderá existir!

E é uma indicação que a Alemanha e a França estariam ameaçadas na sua independência política, que a Itália seria escravizada como o resto da Europa, inclusive a Rússia. E neste ponto o defensor do capitalismo francês excede as medidas. A Rússia é na Europa o único país do mundo que pode viver só, separada dos seus vizinhos por fios de ferro farpado.

A Rússia tudo possui sobre e sob o seu solo. Tem a mão de obra. Só os técnicos são em número insuficiente. Mas pode viver livre—e tem-no provado há 5 anos—sem auxílio estrangeiro. E pode subir a rampa da ruína como o está provando agora.

Depois... o cataclismo revolucionário

Pobre *Temps*! Pobre Poincaré! Pobre jesuitas! O seu sonho de hegemonia vai-se por água abaixo. E todavia, não se confessaram vencidos. Continuam no Ruhr a sua loucura política que arruína a Alemanha.

E' preciso ter o espírito de obediência cavilada ao corpo como o tem os alemães para não terem ainda erguido o estandarte da santa Revolta, e não terem derrubado os seus governos capitalistas. Mas tantas vezes vai o cântaro à fonte...

A atitude britânica é uma prova que a situação alemã é grave no ponto de vista social. Graças à tolice francesa a política britânica intervirá tarde mais para salvar a Europa do cataclismo revolucionário.

Augustin Hamon

Não se está fazendo justiça

As autoridades estão apenas justificando a sua existência, à custa do sofrimento dos que amam a verdadeira justiça

O dever do proletariado é defender os princípios de liberdade ameaçados por um governo despota

A *Capital*, com receio de comprometer o operariado num movimento de protesto contra o actual governo, que não sabe senão defender os interesses da burguesia e dele se converteu em seu fiel mandatário, publicou um editorial em que pretende demonstrar a sem razão da nossa indignação e a injustiça das nossas acusações. Como o demonstra, porém? Servindo-se de sérios argumentos, já tantas vezes rebatidos e acusando-nos de pretendermos embarcar a acção da justiça.

Como não pode deixar de reconhecer que se tem feito prisões arbitrárias, inspiradas pelas informações e sugestões rancorosas da Patronal e da polícia particular desta; vai-nos explicando que «para se descobrirem culpados é preciso muitas vezes ir desencantá-los entre os inocentes». Quer dizer: a polícia anda às ancas, não sabe positivamente nada e apanha ao acaso militantes operários, a ver se por sorte, alítes muito apertado pelos interrogatórios, fêto a toda a hora do dia ou da noite, atormentado, se lembra de denunciar alguma frase em que a prespiciada dos investigadores possa descobrir um indicio de crime.

E' isto, porventura, sério e digno das «normas da civilização presente»? Então há uma polícia, uma investigação criminal, sciência dos modernos recursos de polícia, tendo agentes secretos, podendo recolher quantas provas

jurlegue necessárias e precisa ainda, para obter uma aparência de justificação para futuras perseguições, praticar a violência de infringir a Constituição, tendo detidos nos cárceres vários indivíduos sem culpa formada por mais de oito dias?

E' isto que revolta, é contra isto que protestamos e entendemos que esse protesto se deve generalizar a todo o operariado português. Pretende a polícia descobrir quaisquer culpados? Vejamos essa história, que não passa de simples «trua» para disfarçar uma perseguição contra o operariado.

A polícia quer na verdade descobrir os autores de atentados bombistas? Não é inteiramente de acreditar, se nos lembrarmos do que a imprensa contou um dos juizes do Tribunal de Defesa Social.

Este juiz afirmou que a responsabilidade do aumento dos atentados a bomba é devido à própria polícia. O mais curioso é que a polícia entende que a responsabilidade é... do próprio Tribunal de Defesa Social. Para isso senda muito curioso ler-se um ofício mandado do polícia ao presidente desse tribunal, por causa de absolvições do mesmo...

A verdade é que a maior parte dos processos vão para esse tribunal mal instruído, sem suficiente prova testemunhal. Tal qual como no caso presente, em que se está prendendo gente sem

outro fundamento que não seja o de se ser militante da organização operária. Se não obtiveram ainda provas suficientes para os pronunciar, porque conservam toda essa gente nos cárceres? Indivíduos que deixamos seguir o curso da justiça, enquanto ao mesmo tempo se espalha que dum dia para o outro os presos serão deportados pelo governo, com o assentimento dos «leaders» dos vários partidos. E' esta a justiça que a *Capital* quer que deixemos seguir o seu curso?

Antes disso terá o operariado dito da sua justiça e impedido a projectada violência.

U. S. O.

As suas importantes resoluções de ontem

Reuniu o conselho de delegados juntamente com as comissões administrativas dos sindicatos aderentes e não aderentes a fim de apreciar a situação criada com as injustas perseguições que as autoridades estão praticando. Após vária discussão foi aprovada a moção que segue:

«Atendendo às considerações já produzidas pelos componentes das várias comissões administrativas e direcções, a reunião conjunta e magna das mesmas e delegados ao conselho da União resolve:

1.º Que todas as comissões ou direcções promovam dentro do espaço de cinco dias sessões de protesto e propaganda para o movimento pró-presos;

2.º Que as mesmas em contacto directo com os seus delegados do conselho, confirmem aos mesmos os poderes necessários para resolverem o assunto consoante o espirito ditado pelo trabalho produzido;

3.º Que todas as comissões procurem dentro das suas posses financeiras, publicar manifestos de exortação às classes respectivas;

4.º Que a comissão administrativa da U. S. O. convoque o conselho no final do prazo respectivo em condições de poder resolver tam magno assunto;

5.º Que uma comissão saída desta reunião procure junto da redacção da *Batalha*, a publicação de desenvolvimento do assunto pró-presos.

Igualmente foi aprovado convidar o operariado de Lisboa a ir em massa no próximo domingo ao Forte S. Julião da Barra, prestando assim um dos mais sagrados deveres de solidariedade aos presos por questões sociais.

Sessão de protesto no Alto do Pina
A Secção de Propaganda Sindical do Alto do Pina convida o povo daquela área a comparecer na sua máxima força na grande

TRATRO MARIA VITÓRIA

(Avenida Parque Mayer)

Todas as noites dos espetáculos

COM O

FADO

CORRIDO

Grande

sucesso

de gargalhada

A ocupação do Ruhr

Os franceses em Bochum

BERLIM, 26. — Os franceses ocuparam ontem de novo as manufaturas de Bochum, tendo-se os operários imediatamente declarado em greve, protestando contra esse facto.

Prisão dum correio francês

BERLIM, 26. — Foi detido pela polícia alemã, em Arnberg, correio da embaixada francesa, tendo-se-lhe apreendido documentos importantes destinados ao general Degoutte comandante em chefe das forças francesas nas regiões ocupadas.

Confiscação do dinheiro dum banco

LONDRES, 26. — As autoridades francesas ocuparam a Agência do Reichsbank em Mogúncia, apoderando-se de 50.000.000.000 de marcos. Os cofres foram abertos por meio de aparelhos de explosão manejados por técnicos.

A opinião dum senador americano

NEW-YORK, 26. — O senador do Ohio, sr. Harton, declarou que a opinião da maior parte do público americano é que a França tem razão na acção que exerce no Ruhr, mas que essa acção não é prática e que ainda mais corre o risco de perturbar o estado actual da Europa.

Como a França respeita o Direito...

PARIS, 26. — Os jornais franceses dizem que os aeroplanos franceses que vão ao concurso suco de Goeteburgo não farão caso da proibição alemã que lhes não permite atravessar o seu território.

Fazendas de lá para verão

o Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 2.º andar

tem sempre uma grande variedade de tecidos em lá e estambre que vende directamente ao preço da fábrica

Manda amostras no domicílio que podem ser pedidas pelo

TELEPHONE N. 4670

Lis em fio para malhas.

Filial rua do Ouro, 206 e 208

LOJA DA AMERICA

Tem alfaiate

AS GREVES

Classes gráficas

Os industriais da Parceria António Maria Pereira, continuam numa intransigente exigência que nada justifica, nem aos seus interesses aproveita — a não quererem solucionar a greve que provocaram por não terem atendido as reclamações do pessoal da oficina de encadernação.

Com o prolongamento deste conflito não poderão os proprietários daquela casa ler a lição de fazerem render os seus operários que estão dispostos a lutar até onde for preciso e a tratar condignamente e com energia quem os tem tentado enganar.

Reúnem juntamente com os grevistas e o pessoal da tipografia, a fim de ser apreciada a atitude dos industriais no conflito da oficina de encadernação, tendo sido tomadas várias resoluções de carácter reservado.

Mantém-se também sem solução as greves na tipografia da Empresa de Publicidade Agrícola e oficina de encadernação de Justino Aurélio dos Santos, mostrando os grevistas a energia do primeiro dia de luta.

EM ALMADA

Operários corticeiros

ALMADA, 26. — C. — Encontram-se em greve há uma semana, os operários corticeiros deste concelho.

O motivo desta greve, é, como toda a gente o sabe, a reclamação de mais um pouco de pão.

Não é que os vinhos atravessando, toda a gente compreende que a ganância do comércio é que obriga os trabalhadores a pedir constantemente aumento de salário, pois que de dia para dia e até de hora para hora não constatamos que o que nos é indispensável para não morrer de fome, sobe fantásticamente.

O pão, que ainda há poucos dias custava um 1900, custa já 1920, dizendo-se já que vai subir para 1950, e todos os demais géneros assim vão num crescendo medonho.

Toda a gente vê isto, menos os senhores industriais, que se recusam a satisfazer uma reclamação tão justa, e que até ao seu próprio interesse deviam atender.

Ah! mas é que os industriais, a maior parte deles, operários de ontem, não se lembrando já do que foram, vão vendendo através do seu prisma tenebroso, nada mais os preocupa do que a sua insaciável ganância para satisfazer a continua voracidade dos seus cofres.

A esta gula insaciável, a esta mesquinhez de recusar, responderão os operários com a sua forte união, com o seu espírito solidário, fazendo vingar as suas reclamações.

A classe encontra-se fortemente unida e disposta a lutar até alcançar a vitória, e nem contra coisa era de esperar, pois que é a continuação das suas gloriosas tradições de revolucionários que sempre tem sido seu apelo.

Daqui lhe auguramos a mais próxima e completa vitória.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: O nosso movimento mantém-se na mesma posição, sendo conspícuo o moral existente em toda a classe.

Não obstante terem já reunido os industriais, não é ainda, à hora de fazerem esta nota, do conhecimento deste comité, qual a resolução tomada por aqueles senhores; todavia, este comité, inclina-se a que conserve a mesma serenidade nos espíritos, para com mais clareza de espírito, e com o ânimo que temos a seguir, consagrar a atitude que os industriais venham a assumir.

Camaradas: Enérgicos e conscientes nas nossas resoluções, firmes na luta, e confiantes no futuro, eis o que é indispensável neste momento, em que vai ser posta à prova a atitude dos industriais corticeiros.

Firmes, pois é a vossa! Viva a classe corticeira! Viva a greve! — O Comité.

NO SEXUAL

Operários corticeiros

SEXUAL, 25. — Continua no mesmo estado a greve dos operários corticeiros deste concelho, que se mostram animados do maior entusiasmo e dispostos a fazer vingar as suas tão justas reclamações.

Os descarregadores de Mar e Terra, resolveram solidarizar-se com os corticeiros, não carregando nem descarregando cortiça, enquanto estes não forem atendidos.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

João Bastos

Roldão

NO

Teatro

Nacional

HOJE

Eden Teatro

Empresa teatral

Campos & Correia, Lda.

Brevemente

Grande atracção

Espectáculo de variedades

PREÇOS POPULARES

Geral - Galeria - Promenoir

Escudos 1\$00

Fautuils de orquestra,

Esc. 7\$00; Fautuils, 7\$50;

Cadeiras, 3\$00.

Geral numerada

Escudos 1\$50

Todos os impostos

a cargo do público

ESPECTACULO PERMANENTE

Todas as noites

